

# TRAJETÓRIAS DE TRABALHADORAS/ESTUDANTES: TEMPO DE TRABALHO, DE ESCOLA E DE CUIDADOS

## TRAJECTORIES OF WORKERS/STUDENTS: WORKING TIME, SCHOOL AND CARE

## TRAYECTORIAS DE TRABAJADORAS/ESTUDIANTES: TIEMPO DE TRABAJO, ESCUELA Y CUIDADOS

<sup>1\*</sup>Ana Claudia Marochi

<sup>2\*\*</sup> Alessandro de Melo

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo investigar como trabalhadoras/estudantes organizam o tempo entre o trabalho remunerado, a escola e os cuidados com os familiares e afazeres domésticos. A coleta de informações ocorreu principalmente por meio dos relatos de sete mulheres trabalhadoras e estudantes que no momento das entrevistas resgataram suas memórias, delineando as categorias de análise, revelando a condição de subalternidade e de interiorização das mulheres nos espaços públicos e privados. As mulheres pesquisadas revelaram que, na sociedade capitalista, altamente embasada por questões de raça/sexo/etnia/gênero e classe e reforçada pelo patriarcado, elas são as mais exploradas e que ocupam os trabalhos mais precarizados e ainda são as principais responsáveis pelos cuidados com os filhos e afazeres domésticos. Segundo dados levantados, elas gastam em média setenta e cinco minutos a mais por dia que os homens nas atividades domésticas, sendo que este número é o dobro em se tratando de mulheres com filhos. Nos relatos das pesquisadas, desde a infância até a vida adulta, a relação com os cuidados é muito forte, reforçando que a condição das mulheres na sociedade capitalista está embasada numa construção do “ser mulher” e de como esta construção pode interferir no tempo destinado à escolarização. Em todas as entrevistas os cuidados, seja dos próprios filhos ou de outrem, bem como o trabalho remunerado, estão diretamente relacionados com os percursos escolares, ou seja, a escola foi sempre deixada em segundo plano.

**PALAVRAS-CHAVES:** Escolarização; Gênero e Educação; Divisão do trabalho.

### 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo, resultado de pesquisa realizada durante os anos de 2015 e 2017 no programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual do Centro-Oeste, tem como propósito, discutir, por meio das memórias das sete trabalhadoras/estudantes, denominadas como *Marias*, o movimento real do capital e do patriarcado sobre suas vidas.

A relação estabelecida entre capital e trabalho por meio da exploração da força de trabalho apresenta-se como uma das formas de dominação-exploração das trabalhadoras, bem como o patriarcado. As mulheres como força de trabalho explorada na sociedade capitalista, são as mais

---

<sup>1\*</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Professora da Rede Estadual de Educação do Estado do Paraná. Pedagoga do Instituto Federal do Paraná, campus Irati. E-mail: [anacmarochi@hotmail.com](mailto:anacmarochi@hotmail.com). ORCID: 0000-0002-1863-0233.

<sup>2\*\*</sup> Doutorado em Educação (UFPR), Mestrado em Educação Escolar (UNESP/Ar.), Licenciado em Ciências Sociais (UNESP/Ar.). Professor Associado do Departamento de Pedagogia e Programa de Pós-Graduação em Educação ((UNICENTRO-Guarapuava/PR). E-mail: [alessandrodemelo2006@hotmail.com](mailto:alessandrodemelo2006@hotmail.com). ORCID: 0000-0001-61195081.

**Nuances:** estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 30, n.1, p.361-376, Março/Dez., 2019. ISSN: 2236-0441. DOI: 10.32930/nuances.v30i1.6734.

vulneráveis e em condições mais precarizadas, ocupando empregos em tempo parcial e com jornadas reduzidas, devido a outra forma de exploração que ocorre no espaço privado, ou seja, a responsabilização pelos cuidados e pelos afazeres domésticos. A relação de poder estabelecida na sociedade, que conjuga o patriarcado e o capital, coloca as mulheres em condição de subalternidade e inferioridade diante dos trabalhadores homens, o que tem influenciado diretamente no tempo destas mulheres, em especial o tempo dedicado aos estudos.

Desta forma, o texto será dividido em duas partes, a saber: a primeira destina-se ao cabedal teórico, bem como dados coletados na pesquisa, que dão sustentação à tese de que a condição de dominação-exploração das mulheres pelo capitalismo e pelo patriarcado tem influenciado diretamente na tripla jornada a qual elas são submetidas, roubando-lhes tempo destinado aos estudos e lazer. A segunda parte tem como objetivo trazer as memórias das *Marias* sobre suas trajetórias de vida que influenciaram sobremaneira suas estratégias escolares e de trabalho remunerado.

## **2. OS USOS DO TEMPO COMO FORMA DE DOMINAÇÃO-EXPLORAÇÃO-OPRESSÃO NA SOCIEDADE PATRIARCAL E CAPITALISTA**

As trabalhadoras/estudantes que participaram da pesquisa foram selecionadas durante uma semana de visita ao Centro de Educação Básica para Jovens e Adultos (CEEBJA) do município de Irati (Paraná). Visou-se alcançar todas as trabalhadoras/estudantes daquele CEEBJA que estavam matriculadas no período da pesquisa. Na primeira etapa 95 mulheres responderam a um questionário com questões fechadas e abertas. Para a segunda etapa, sete mulheres se disponibilizaram para aprofundar o tema do questionário por meio de entrevista semiestruturada trazendo livremente suas memórias.

O mapeamento do perfil destas mulheres é importante para compreendermos a materialidade de suas vidas, para que possamos compreender as interfaces de suas estratégias de vida frente a sociedade capitalista e patriarcal. Das mulheres que responderam ao questionário, aproximadamente 90% possuem idade entre 15 e 45 anos, oriundas dos bairros periféricos do município de Irati-PR e até de cidades vizinhas, sendo que 71% das entrevistadas possuem casa própria, 50% delas vivem em uma união estável, 60% declararam que sua família é composta de uma a três pessoas, incluindo a própria entrevistada.

A pesquisa realizada, base para deste trabalho, teve como objetivo o estudo do uso do tempo na vida das mulheres, em especial o tempo de trabalho produtivo e reprodutivo e a escolarização, chegando-se à compreensão de que existe entre estes tempos uma dominação do

tempo dedicado à produção e reprodução da vida por meio do trabalho, relação esta que fica visível na tripla jornada imposta a estas trabalhadoras/estudantes, trabalho, estudo e serviços domésticos.

O uso do tempo<sup>3</sup> na sociedade atual, e, em especial na pesquisa desenvolvida com trabalhadoras/estudantes, do tempo de trabalho, do tempo da escola e do tempo dos cuidados, relaciona-se diretamente com construções sociais que determinam não somente o uso destes tempos, mas como eles são divididos entre os sexos. Para adentrarmos às discussões dos usos do tempo nestes três espaços, laboral, escolar e doméstico é preciso entender como a construção histórica do feminino e do masculino, do trabalho e não trabalho e da divisão sexual se deram. A determinação de como homens e mulheres ocupam funções na sociedade e como estas são organizadas e divididas entre eles e elas, tem reflexos diretos “[...] não só na família, mas também no universo escolar e no mundo do trabalho” (BOURDIEU, 2013, p. 123).

O uso do tempo por homens e mulheres são determinados e determinantes das relações sociais de sexo na sociedade patriarcal e capitalista. As horas dedicadas às atividades diárias para a produção e reprodução da vida cotidiana são, sobremaneira, influenciadas pela organização temporal do trabalho remunerado e não remunerado. Durán (2010, p. 231) enfatiza:

Como todas as economias, a economia do tempo é uma economia política. Não se produz em abstrato, no vazio social, mas através de sujeitos que aportam seu próprio tempo para a produção de bens e serviços e que consomem [sic] o tempo próprio e o tempo alheio. A divisão do trabalho não se realiza em condições reais de liberdade de escolha e existe uma luta soterrada para melhorar as condições de venda do mercado de trabalho da própria força de trabalho, deslocando para outras as atividades que não se beneficiam do progresso tecnológico nem da organização coletiva.

Assim, quando falamos do uso do tempo na vida das mulheres para organização da tripla jornada de trabalho, trabalho remunerado, estudo e cuidados domésticos, nos referimos a condições materiais de caráter político, social, econômico e de sexo, determinantes da condição de ser mulher na sociedade contemporânea.

Atrelada à questão da constituição social do feminino e do masculino está a divisão sexual do trabalho fora e dentro dos lares como um dos fatores determinantes do uso do tempo pelas

---

<sup>3</sup> O tempo dentro da perspectiva adotada assemelha-se ao que Durán (2010, p. 231) nos apresenta em seus estudos sobre o valor do tempo, ou seja, “[...] que o tempo é um fator econômico de primeira magnitude” e político. O tempo é determinante na relação da compra e venda das horas diárias da força de trabalho. A autora apresenta que o consumo do tempo nos diversos espaços sociais (público e privado), em especial, o relacionado à economia dos cuidados, “[...] um custo de produção essencial nas economias modernas” (DURÁN, 2010, p.231). A expressão economia dos cuidados, utilizada pelas autoras Carrasco (2014) e Orozco (2006), diz respeito aos estudos realizados sobre os afazeres domésticos e cuidados, realizado principalmente por mulheres. Nesta perspectiva estudada, os trabalhos domésticos e cuidados são forma de trabalho reprodutivo, não pago, que garante o trabalho produtivo.

mulheres. A divisão sexual do trabalho produtivo ou reprodutivo tem por fundamento a separação destes espaços segundo uma concepção biológica do ser mulher e do ser homem em que alguns trabalhos, em especial aqueles que agregam valor econômico, são destinados aos homens e outros, de baixo valor agregado ou não remunerado, para as mulheres (KERGOAT, 2009).

Ainda segundo a autora, as relações sociais de sexo decorrem da divisão social do trabalho e se adaptam a cada sociedade e tempo, o que é reforçado por Souza-Lobo (1991, p. 29), para quem: “[...] as raízes da divisão sexual do trabalho devem ser procuradas na sociedade e na família”. Conforme as autoras, para o entendimento de como ocorrem as relações sociais de sexo na perspectiva da divisão sexual do trabalho, remunerado ou não remunerado, é preciso apreender as relações de trabalho e as relações sociais em que estas se localizam, sendo que este fenômeno não é rígido, estanque, imutável, mas dinâmico e dialético. Estar atento a este movimento é conceber que a análise “[...] da divisão sexual do trabalho permite perceber nuances da exploração capitalista muitas vezes despercebidas devido à naturalização da subalternidade das mulheres nesta sociedade, assim como de papéis por elas desempenhados.” (CISNE, 2015, p. 121).

Para a compreensão de como a divisão sexual do trabalho e das “[...] assimetrias contidas nessa divisão” (SOUZA-LOBO, 1991, p. 47), é fundamental perceber que estas assimetrias vão muito além da determinação de trabalhos ditos femininos ou masculinos. Tem como fundamento a hierarquização, expressa na forma como eles e elas são incorporados ao mercado de trabalho, o percurso escolar de cada um e a relação salarial.

Pensar o uso do tempo a partir do que foi exposto anteriormente é pensar como a relação com o trabalho, estudos e cuidados se apresentam de forma diferente para trabalhadores e trabalhadoras. Como homens e mulheres organizam sua rotina diária a partir da formação social do feminino e do masculino e da representação do trabalho produtivo e reprodutivo com base na divisão sexual do trabalho.

Venturi e Godinho (2013), em pesquisa realizada em 2010, detectaram que a jornada de trabalho remunerado declarada pelos/as pesquisado/as revelou que 42% das mulheres e 34% dos homens possuem uma jornada de trabalho entre 20 e 40h semanais, sendo que 33% das mulheres e 55% dos homens trabalham mais de 40h semanais. Em relação à renda individual, a pesquisa revela que as mulheres recebem os menores salários: 38% das mulheres percebiam até 1 salário mínimo, contra 22% dos homens entrevistados, no entanto, somente 5% das mulheres recebem até 5 salários-mínimos, contra 8% dos homens. Estes dados revelam que o

tempo de trabalho é um tempo que ocupa grande parcela das horas diárias e semanais dos trabalhadores/as e que para as demais atividades, como estudos e cuidados, além do lazer e a convivência familiar sobram poucas horas.

Para as pesquisadas na pesquisa que aqui se apresenta, o trabalho reprodutivo, ou seja, as tarefas de cuidados e domésticas, têm influenciado, sobremaneira, no trabalho produtivo: 16% das mulheres declararam que o trabalho doméstico foi o motivo pelo qual abandonaram o trabalho produtivo, ou seja, como afirma Ávila (2013), a relação entre trabalho produtivo e reprodutivo no cotidiano feminino interfere diretamente na composição da classe trabalhadora.

Em relação à situação laboral, a pesquisa revelou que mais da metade das mulheres que responderam ao questionário estavam empregadas e a renda familiar girava em torno de dois salários mínimos, sendo que 8,4% delas eram as únicas responsáveis pelo sustento da casa e 40% desenvolvem algum tipo de trabalho doméstico, destas 23% cuidam da casa, 17% assinaram a opção trabalho doméstico remunerado e 3% delas desenvolverem atividades de cuidados, como as de babá ou de cuidados com familiares.

O tempo de trabalho reprodutivo ou doméstico soma-se ao tempo de trabalho produtivo para compor a sobrecarga de afazeres no dia a dia das trabalhadoras. Apesar dos dados empíricos do nosso trabalho e outras pesquisas mostrarem que, mesmo em porcentagem muito pequena, há uma parcela de homens que realizam tarefas domésticas, o tempo de trabalho não remunerado atinge, sobremaneira, as mulheres e de forma diferenciada nas classes e raças/etnias. Mulheres pobres e negras são as mais afetadas, pois são as que possuem menos condições de acesso ao mercado de trabalho remunerado. São elas que, mesmo quando estão em trabalhos remunerados, realizam mais horas semanais de trabalho doméstico (XAVIER; WERNECK, 2013).

Em relação à organização do tempo de trabalho em relação aos demais tempos, estudos e cuidados domésticos, obteve-se os seguintes resultados: a maioria delas possui uma jornada de trabalho remunerado de cinco ou seis dias da semana, com oito horas diárias, 72% acordam entre 5h e 8h da manhã, desenvolvendo de uma a três horas diárias com o trabalho reprodutivo, ou seja, com tarefas domésticas e de cuidados. Quando perguntadas sobre a carga horária de trabalho remunerado e a disposição para realizar outras atividades, 49% declaram que se sentem cansadas e a principal queixa é o cansaço físico.

As mulheres de uma forma geral têm ocupado os bancos escolares em maior quantidade do que os homens. O Brasil tem apresentado importantes avanços em relação à entrada das mulheres nos mais diversos níveis de escolarização, oferecendo: “[...] às meninas e mulheres

igualdade de condições com meninos e homens no que diz respeito ao direito de receber educação pública e gratuita” (ABREU et al., 2016, p. 159). Segundo as autoras, as mulheres são a maioria dos mestres e doutores, no entanto concentradas em áreas específicas, em especial aquelas com características femininas e, em menor número em áreas ‘ditas’ masculinas, como as engenharias, matemática, computação e física.

No entanto, a realidade não é tão favorável para as trabalhadoras que estão em trabalhos mais precarizados, tais como os trabalhos terceirizados. Justamente nestes postos encontram a grande maioria das mulheres alocadas nos postos de trabalho. Estudos realizados na França por Lapeyre (2016, p. 162) indicam que: “[...] os diferentes setores de emprego continuam muito marcados pelo sexo: 8,3% das mulheres empregadas trabalham na indústria [...], contra 18,7% dos homens (e 88% das mulheres empregadas trabalham no setor terciário, contra 65,3% dos homens)”.

Para a classe trabalhadora brasileira a situação é ainda mais desfavorável. Na pesquisa realizada Venturi e Godinho (2013), 16% das entrevistadas declararam ter ensino superior ou pós-graduação, enquanto a maior parcela delas, 38%, declararam ter o ensino médio. Outro dado que chama a atenção é que, entre as 45% das mulheres que estavam trabalhando no momento da pesquisa, 47% exerciam ocupações de natureza braçal e que exigia somente o ensino fundamental. Estes dados reforçam os dados da pesquisa: as mulheres ainda ocupam os postos de trabalho mais desvalorizados socialmente, e com salários mais baixos, e que este tipo de trabalho não exige formação educacional.

Quanto ao nível de escolaridade, 58% das nossas entrevistadas cursavam o ensino médio, 26% o ensino fundamental e as demais não responderam, sendo que 45% delas tinham abandonado os estudos uma vez, 21% duas vezes, 15% três vezes e 5% quatro ou mais vezes, sendo que, os principais motivos do abandono escolar relacionam-se a questões pessoais e familiares, tais como mudança de cidade e cuidados com os filhos. Nos motivos relacionados à escola tivemos a grande maioria declarando que a dificuldade de acesso à escola foi o principal fator.

Segundo dados do IBGE (BRASIL, 2015), o índice de evasão escolar entre as mulheres de 18 a 24 anos é de 26,6%, enquanto para os homens na mesma idade é de 37,9%. Mesmo apresentando índices menores que o dos homens, os motivos pelos quais um e outro abandonam a escola são diferentes e estão vinculados às relações sociais de sexo: os dados demonstram que ambos deixam a escola por falta de interesse na escola e na forma como o ensino médio está organizado, mas para as mulheres este fator soma-se a outro mais determinante, a gravidez

precoce. Os dados acima descritos evidenciam e reforçam o constatou a pesquisa: as mulheres estão mais presentes nos espaços escolares, apesar de abandonarem os estudos por conta do trabalho remunerado ou por questões familiares, ainda possuem, na média, maior escolarização que os homens.

Na relação entre escolarização e trabalho remunerado, a pesquisa revelou que a exigência de formação para a ocupação dos postos de trabalho para as mulheres pesquisadas é muito pequena: 34,7% apontaram que a empresa onde trabalham exige algum tipo de formação desde o ensino fundamental até a formação técnica; 36,8% apontaram que não há exigência; e 1% apontou que a exigência é a experiência. Ainda sob este aspecto, 12 das respondentes apontaram que o horário de trabalho não permitia conciliar tempo de trabalho e tempo de estudos e o tempo médio de abandono neste grupo foi de 8 anos.

Quando comparamos os dados da escolarização e dos cuidados/afazeres domésticos, 25 das respondentes apontaram o casamento e 26 delas o cuidado com os filhos os motivos pelos quais tiveram que deixar a escola e, ainda, 9 delas apontaram que o casamento e o cuidado com os filhos em conjunto contribuíram para o abandono dos estudos. Ao serem indagadas sobre o tempo dos cuidados, e neste item incluímos cuidados pessoais e cuidados com a casa e com os demais membros da família, as trabalhadoras/estudantes deixaram claro que dispõe de poucas horas para os cuidados consigo mesmas, em média de uma a duas horas diárias, sendo que 38% delas identificaram que estas horas são gastas com atividades de higiene pessoal, 35% responderam que são dedicadas também com cuidados com a aparência como cuidar dos cabelos e unhas e fazer ginástica e somente 19% reconheceram que cuidados pessoais incluem também o lazer, a leitura de livros e assistir a um programa de seu interesse.

Porém, estes dados não garantem a elas melhores condições de emprego, autonomia e bem-estar. Muitas estão em trabalhos precarizados e percebem baixos salários. Além disto, para frequentarem a escola acabam por desenvolverem uma jornada tripla de atividade entre o trabalho produtivo, reprodutivo e a escola. A manutenção diária da casa e da família representou e, ainda, continua representando uma sobrecarga para as mulheres. Os dados da pesquisa e os depoimentos das *Marias* mostraram que as atividades de cuidados com a casa e com a família, ocupam uma parcela considerável da vida das mulheres.

### **3. AS MARIAS E SUAS MEMÓRIAS**

Com o olhar voltado para as relações sociais de sexo, tendo como fio condutor a tese de que estas relações são construídas, delineadas e determinadas pela dominação-exploração-

opressão de uma classe por outra e de sujeitos sobre outros sujeitos, e que as trabalhadoras são o lado mais vulnerável neste encadeamento, e com base no aporte teórico dos dados referentes às pesquisas internacionais, nacionais, regionais e locais sobre a condição da mulher e dos relatos das sete entrevistadas, foi possível nos aproximarmos da materialidade de vida das *Marias* e buscar algumas respostas sobre suas percepções sobre os usos do tempo, chegando à seguinte constatação: as mulheres precisam não só organizar a tripla jornada, composta pelo trabalho remunerado, não remunerado e estudos, mas enfrentar situações difíceis originárias das relações sociais de sexo, tais como as diversas formas de violência, a superação dos traumas deixados pela família e tomar a decisão de reagir diante destas dificuldades para seguir em frente.

Para os limites deste artigo o recorte que fizemos foi sobre a tripla jornada enfrentada pelas mulheres cotidianamente e, com isso, dar voz às *Marias* foi o caminho escolhido tornando vivo cada momento da vida delas e suas memórias.

O tempo é uma categoria importante nas análises da relação capital e trabalho, e é determinante do processo de dominação-exploração-opressão do/a trabalhador/a. Esta exploração acentua-se devido ao acréscimo a esta divisão do tempo entre o trabalho produtivo, reprodutivo e a escolarização para as mulheres. O tempo na vida das *Marias* é relativizado por elementos que ultrapassam a mera cronologia. Para estas mulheres ele é determinado e determinante das relações estabelecidas com outros processos sociais, como se observa no relato de Maria Bonita (informação verbal):

BONITA, Maria. Entrevista I. [abr. 2016]. Eu divido assim, eu marco meu trabalho, marco horário, quer dizer nem sempre funciona, porque lidar com o povo, não é bem assim. Não funciona os horários. Atrasam, alguma coisa assim. Quanto a, quanto a minha, ir para a aula é bem complicado. Muitas vezes tenho que sair correndo, para não chegar muito atrasado, por causa do trabalho.

O tempo de trabalho remunerado é um tempo pré-determinado pela jornada semanal e que ocupa a maior parcela das horas diárias destas mulheres, ou seja, “[...] como resultado da mediação social geral, o dispêndio de tempo de trabalho é transformado em uma norma temporal que não apenas é abstraída de, mas também se sobrepõe à ação individual e a determina” (POSTONE, 2014, p. 248).

Organizar este tempo em detrimento dos demais tempos tem sido uma tarefa difícil para a classe trabalhadora, pois a venda de sua força de trabalho é permeada não só pela relação capital/trabalho, mas por fatores sociais que estão fora desta díade. Mas é, com certeza, na relação estabelecida entre o capital e a trabalhadora que a interferência dos fatores sociais



externos são mais intensamente percebidos, refletindo em relações mais desiguais e trabalhos mais precarizados, baseados na flexibilização do tempo.

O relato de Maria Esperança (informação verbal) corrobora com os apontamentos acima, pois para ela, além de ocupar postos de trabalho precarizados, precisa negociar o tempo de trabalho remunerado para que seus estudos não sejam prejudicados.

ESPERANÇA, Maria. Entrevista V. [abr. 2016]. Tá dando, esse ano né, a irmã, nós conversamos, ela me ajudou, assim, em termo de eu sair às cinco e meia e daí dá tempo de eu vir em casa, correndinho, tomar um banho e ir para o ponto de ônibus, porque, uns dois anos e pouco a fio, eu ia meio dia e meio trabalhar e já levava meu material. Daí eu saía seis horas, daí eu saía da escola, de onde eu trabalho e ia reto para o CEEBJA, pegar o ônibus, sem nada.

Para a classe trabalhadora a organização do tempo demanda não somente a capacidade de negociar horários, atividades laborais dentro do espaço de trabalho remunerado, mas colocar em pauta também o tempo fora deste espaço. Para as trabalhadoras isto se reflete na forma como a sua inserção no mundo do trabalho acontece e, conseqüentemente, sua manutenção. Esta negociação reflete diretamente sobre a forma de trabalho remunerado em tempo parcial, *part-time*, ocupado pelas mulheres. Dentre as nossas entrevistadas, todas elas se inseriram no mercado de trabalho em ocupações parciais, como cuidadoras de crianças ou como empregadas domésticas e como prestadoras de serviços.

CELESTE, Maria. Entrevista IV. [abr. 2016]. Eu trabalhei desde os doze anos. Eu fui babá, cuidei de um nenê de oito meses e de um piázinho de três anos, aqui em Teixeira Soares já. Eu cuidava. Primeiro eu comecei a cuidar de uma criança de cinco anos, depois foi. Fiquei acho que dois anos cuidando desse nenê e desse piázinho de três anos. Depois eu entrei no mercado trabalhá no mercado ali em Teixeira, eu fiquei um mês, dois meses e saí porque eu não aguentava mais. Que era muito puxado, eles davam serviço de homem pra gente fazer.

Nossas entrevistadas relatam que realizaram, primeiramente, trabalhos de cuidados, ou seja, relativos à reprodução cotidiana da vida das famílias, trabalhos estes realizados sob condições nem sempre as mais dignas, com baixos salários e muito tempo de dedicação, além de pouca estabilidade e sem garantias de direitos trabalhistas, como forma de complementaridade da renda do marido, quando este não consegue subsidiar sozinho o sustento da casa ou quando está desempregado, como nos conta Maria Amélia (informação verbal) e Maria Esperança (informação verbal):

AMÉLIA, Maria. Entrevista VII. [abr. 2016]. Ele sempre colaborou, porque ele sabe, né, quando as crianças eram pequenas, só ele para trabalhar e ele sempre foi do salário mínimo, nunca foi fácil, sempre foi difícil, a gente sempre teve ajuda, os parentes sempre que podiam ajudavam.

ESPERANÇA, Maria. Entrevista V. [abr. 2016]. Eu ali bordando nos chinelinhos, pra juntar o dinheiro, pra ajudar meu marido que ele estava desempregado naquela época.

A ideia de complementaridade tem um viés naturalizador em relação às funções ditas femininas. No caso em tela, ocorre que como a renda da mulher é “complementar” à do marido, pode ser que em períodos em que este companheiro passe a ganhar o suficiente para o sustento da família, isso seja um obstáculo para a autonomia das mulheres, que então não precisariam mais complementar a renda, e, assim, poderiam voltar ao seu papel de mãe e cuidadora do lar. Além disso, há que se destacar o fato de que trabalhar “fora” não elimina para as mulheres a “obrigação” com os cuidados da casa e da família, o que gera um processo de sobrecarga<sup>4</sup>.

O tempo para os estudos, segundo nossas entrevistadas, foi sempre subordinado aos outros tempos. A relação entre trabalho produtivo, reprodutivo e escolarização esteve atrelado a outros fatores e condições impostas a elas durante o percurso de vida, como nos relata Maria Amélia (informação verbal):

AMÉLIA, Maria. Entrevista VII. [abr. 2016]. Aos quatorze anos comecei a trabalhar. Antes a minha mãe já tirou da escola. Como a minha mãe não tem estudo então a minha mãe dizia que não precisava estudar. Por isso que depois de mais idade é que eu voltei a estudar. Nem terminei, mas vou terminar, pelo menos o médio. Daí nós ficava em casa um tempo e a gente trabalhava também.

Para Maria Amélia (informação verbal) a escolarização foi negada pela própria mãe que, como produto de uma construção social sexista e determinista dos papéis que deveriam ser desempenhados por homens e mulheres, compreendia que para ser dona de casa, casar-se ou ocupar postos de trabalhos precarizados não precisava estudar.

Apesar das nossas entrevistadas colocarem as dificuldades em orquestrar o trabalho remunerado com a escola, ficou claro que para elas a escola representou e representa um grande passo na busca por uma vida melhor. Esta condição de estudante trouxe para as nossas *Marias* uma valorização enquanto sujeitas de sua própria história, ao possibilitar que se desvencilhassem das amarras que as condições vivenciadas por elas quando crianças lhe impuseram.

BONITA, Maria. Entrevista I. [abr. 2016]. Agora que estou concluindo, por falta de tempo. E tipo quanto aos estudos é muito importante na vida de uma pessoa. Queria

---

<sup>4</sup> Uma discussão interessante para outro trabalho seria refletir sobre como o montante de trabalhos gratuitos realizados pelas mulheres sustenta, de certa forma, a vida em sociedade, e é, assim, um montante gratuitamente disponível para a dominação capitalista.

pensar assim lá anos atrás. Acho que a minha vida seria diferente, se eu tivesse estudado.

Quando perguntada se os estudos ajudaram em sua vida, no trabalho ou nas relações com outras pessoas, ela respondeu: “Ajudou muito. Nossa, eu aprendi muito depois que eu voltei, assim, nem comparação. Então, sabe, muita coisa” (Bonita, Maria. Entrevista I. abr. 2016). Para ela a escolarização, além de servir como forma de aprender mais também representa a possibilidade de ajudar a filha, que foi quem representou para Maria Bonita (informação verbal) a decisão de retornar para a escola.

Para Maria Esperança (informação verbal), o tempo dos estudos é dividido entre o trabalho como serviços gerais em uma escola e o trabalho doméstico em casa. Quando pequena tinha grandes dificuldades para frequentar a escola, tais como a distância de sua casa para a escola, a privação de alimentos e um mínimo de conforto. Ela relata que não abre mão de estar na escola por nada, e que organiza a rotina da casa e do trabalho remunerado da melhor forma possível para que a noite possa estudar.

Quando perguntada sobre ter que abandonar a escola por causa do trabalho na escola, foi enfática: “Não jamais, falta pouco. Daí eu volto a levar o material a hora que eu saio de casa pra trabalhar” (Esperança, Maria. Entrevista V. abr. 2016). Para ela, portanto, estudar representa uma vitória pessoal, a oportunidade de conseguir outro trabalho remunerado e o ingresso na no curso de Pedagogia.

Os cuidados ou trabalho não remunerado são, sem dúvida, o tempo que mais rouba os esforços das mulheres. Para cuidar da casa e dos filhos, as trabalhadoras/estudantes deixam de realizar outras atividades importantes para a manutenção da vida. “Cuidar é um devorador de tempo, que até agora tem se concentrado em alguns grupos sociais, mas pouco afetou a vida dos outros [...] o tempo de trabalho não remunerado que realizamos ao longo do ano supera em muito o tempo destinado ao mercado de trabalho. No entanto, ignoramos o seu valor”. (DURÁN, 2010a, p. 20).

O trabalho doméstico tem se apresentado, nos relatos das nossas entrevistadas, como uma atividade que demanda muitas horas diárias para a sua manutenção, e que orquestrá-lo com o tempo de trabalho remunerado e dos estudos não é uma tarefa muito fácil.

VITÓRIA, Maria. Entrevista II. [abr. 2016]. Faço domingo, faço de madrugada, vou tomar um banho já lavo o banheiro, to fazendo um almoço, almocinho, rapidinho, já to passando um pano nos armários. Hoje já deixei a máquina batendo, chego já penduro, e eu vou fazendo assim nos intervalos. Ontem eu saí o dia inteiro. Eu saí daqui no sábado era umas nove horas da noite, cheguei em casa já passei pano em tudo, limpei a casa, deixei limpinha para o domingo. De tarde bati a roupa.

No relato de Maria Bonita (informação verbal) e de Maria Vitória (informação verbal) percebemos que elas assumiram para si todas as responsabilidades do trabalho doméstico, como reflexo das relações patriarcais, que naturalizam a função de dona de casa. Maria Esperança (informação verbal), por exemplo, deixa claro em suas palavras que, mesmo contando com a ajuda do marido para algumas pequenas coisas, a sobrecarga de atividades que precisa desenvolver cotidianamente para poder estudar é árdua.

ESPERANÇA, Maria. Entrevista V. [abr. 2016]. É bem puxada, a minha vida assim é bem corrida, sabe. Tem dia assim, o meu esposo ele me ajuda, ele faz comida, ele faz almoço, né. Mas então eu saio sete e meia, sete e vinte, chego onze e meia, o almoço está pronto. Eu almoço ligeirinho e já vou lavando a louça, deixando tudo limpo, porque de tarde, chego tomo banho e saio. Eu gosto de deixar tudo arrumadinho, e infelizmente a minha menina não me ajuda. Daí eu cobro, mas não muito, porque daí eu quero que ela também se dedique aos estudos, né. É bem corrido assim pra mim, tem dias que eu acho que vai sair o meu coração pela boca. Eu não tenho tempo pra nada. É chegar, comer, arrumar, limpar, isto e aquilo, daí eu tenho que bater o ponto.

Destaca-se na fala de Maria Esperança a sobrecarga de trabalho, e, ao mesmo tempo, a diferença dos papéis que compartilha com seu marido: a participação deste nos trabalhos domésticos é considerada como “ajuda”, ou seja, não como obrigatoriedade ou como um trabalho comum aos dois. Assim, podemos relacionar ao que Hirata e Zarifian (2009) afirmam, ou seja, que o trabalho produtivo, para as trabalhadoras, está diretamente ligado ao reprodutivo, tendo reflexo direto na forma como adentraram e como permanecem no mundo do trabalho: como classe superexplorada.

Maria Flor (informação verbal), ao ser perguntada sobre a participação do ex-marido nos afazeres domésticos, relata que o fim do casamento aconteceu exatamente por ele não dividir as tarefas domésticas e os cuidados com os filhos, e que por isso ficava sobrecarregada, passando os finais de semana cuidando da casa e dos filhos.

FLOR, Maria. Entrevista VI. [abr. 2016]. Não, até foi o motivo da nossa separação. Ele não ajudava em nada, era raramente, até hoje ele fala eu me arrependo, vamos voltar eu vou mudar, só que não muda. A gente já tentou e não mudou. Se agora é corrido na mãe, lá era mais. Chegava no sábado eu tinha que deixar a roupa lavada, organizada, passada, dobrada pra semana. Já organizada para o trabalho, para as crianças irem pro colégio, pra creche, tudo organizado. Geralmente ele não queria ajudar, raramente ele ajudava, lavava a louça, fazia uma comida, fora isso a rotina era minha mesmo. A gente como mulher compra muito tudo, prefiro fazer do que mandar os outros fazer.

No relato de Maria Flor (informação verbal) podemos deduzir que quando a mulher “compra” para si toda a responsabilidade sobre os filhos e sobre o cuidado com a casa ela reforça a condição da mulher sobre o seu papel e seus atributos, socialmente constituídos. Outro relato de uma das nossas entrevistadas corrobora com o pensamento acima.

AMÉLIA, Maria. Entrevista VII. [abr. 2016]. Mesmo que nem agora que eu trabalho e estudo ele também colabora, ajuda, faz o que pode, não igual a gente, porque é poucos homens que são melhor que dona de casa. Então o mínimo ele faz, bem por cima, mas serve.

De fato, no imaginário social existem tarefas de casa que são delas e outras que são deles e que a divisão das tarefas de cuidados com os filhos e com a casa, quase sempre, é feita com outras mulheres da família, sendo que em poucos momentos, há a participação dos homens, como uma “ajuda”, ou seja, como se de fato isto não fizesse parte intrínseca do papel masculino, como se os cuidados nada tivessem que ver com eles.

Como síntese dos relatos das *Marias* sobre os usos do tempo para as mulheres, constatamos a sobrecarga de atividades relacionadas à tripla jornada, uma naturalização da posição ocupada por mulheres e homens e para organizarem as horas do dia entre trabalho remunerado, trabalho doméstico e estudos dispõem esforços que vão além da disposição para estas atividades, resultando em uma sobrecarga de afazeres diários.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada história relatada é composta por pessoas únicas, determinadas por experiências e com percepções diferentes sobre o tempo que compõe, determina e subordina a cotidianidade da vida. Cada uma destas mulheres contou o que viveu e a forma como vivenciou em sua vida a organização do tempo. O tempo se apresentou de diversas maneiras para estas sete mulheres, tempo cronológico e tempo de suas lembranças. Segundo Durán (2010a, p. 23), “[...] as unidades de medição do tempo são fundamentais para a cultura humana. Não sabemos pensar sem agrupar e dividir o tempo”.

O tempo do trabalho remunerado foi determinado na vida destas mulheres por relações laborais precarizadas e exploradas. Com baixa escolarização, a busca por emprego tornou-se difícil, sendo que estão presentes principalmente no setor de prestação de serviços, e, neste, nos cuidados com as famílias dos empregadores (empregadas domésticas e babás foram e são atividades que fazem parte da vida destas mulheres sujeitas da pesquisa).

A trajetória escolar foi permeada por uma temporalidade não regida pelo tempo da escola, mas por tempo de crianças que foram “roubadas” e pela busca por condições melhores de vida. Na contemporaneidade de suas vidas, o tempo dos estudos é/está subordinado aos demais tempos da vida, especialmente do trabalho remunerado e dos cuidados. A escolarização foi tratada por elas como uma forma de superação das próprias dificuldades, como forma de tornar-se sujeitas de suas histórias.

O tempo dos cuidados apareceu como elemento constitutivo dos demais tempos. As atividades domésticas foram relatadas pelas entrevistadas como determinantes na realização das demais atividades. Ao apresentarem suas rotinas de atividades diárias elas nos levaram a reflexões pertinentes para o entendimento de como o trabalho reprodutivo torna-se, por uma perspectiva, relevante e subsidiário para o sistema capitalista e, por outra, determinante de funções socialmente construídas para homens e mulheres. Todas estas particularidades e percepções se entrecruzam nos relatos das sujeitas que tornaram possível esta síntese. Relatos de vivências vividas ao longo da vida e que repercutiram na trajetória laboral e escolar de cada uma. Importante deixar claro que esta trajetória nem sempre foi traçada por escolhas livres, mas permeadas por escolhas únicas e possíveis dentro de uma sociedade com marcadores de sexo, raça/etnia e de classe.

### **TRAJECTORIES OF WORKERS/STUDENTS: WORKING TIME, SCHOOL AND CARE**

**ABSTRACT:** The present work aims to investigate how workers/students organize the time between paid work, school and care for family and household chores. The collection of information was mainly through the reports of seven women workers and students who at the time of the interviews rescued their memories, outlining the categories of analysis, revealing the condition of subalternity and Internalization of women in public and private spaces. The women surveyed revealed that, in the capitalist society, highly based on issues of race/sex/ethnicity/gender and class and reinforced by patriarchy, they are the most exploited and occupy the most precarized works and are still the main responsible for childcare and household chores. According to data collected, they spend an average of 75 minutes more per day than men in domestic activities, and this number is double when it comes to women with children. In the reports of the researched, from childhood to adulthood, the relationship with care is very strong, reinforcing that the condition of women in capitalist society is grounded in a construction of "being a woman" and how this construction can interfere in time Intended for schooling. In all interviews, the care, whether of the children or others, as well as the paid work, are directly related to the school routes, that is, the schools were always left in the background.

**KEY WORDS:** Schooling; Gender and Education; Division of Labour

### **TRAYECTORIAS DE TRABAJADORAS/ESTUDIANTES: TIEMPO DE TRABAJO, ESCUELA Y CUIDADOS**

**RESÚMEN:** El presente trabajo pretende investigar cómo las trabajadoras/estudiantes organizan el tiempo entre el trabajo pagado, la escuela y el cuidado de la familia y las tareas domésticas. La recogida de información se llevó a cabo principalmente a través de los informes de siete trabajadoras/estudiantes que en el momento de las entrevistas han rescatado sus memorias, que las categorías de análisis, revelando la condición de subalternidad y internalización de las mujeres en espacios privados y públicos. Las mujeres encuestadas revelaron que, en la sociedad capitalista, muy apoyado por cuestiones de raza, género, etnicidad, género y clase y reforzado por el patriarcado, son ellas las más explotadas y las que trabajan más precarizadas y todavía son las principales responsables por el cuidado de los niños y las tareas del hogar. Según los datos recogidos, pasan en promedio 75 minutos más por día que los hombres en las actividades del hogar y este número es el doble cuando se trata de mujeres con niños. En los relatos de las encuestadas, desde la infancia hasta la edad adulta, la relación con el cuidado es muy

**Nuances:** estudos sobre Educação, Presidente Prudente-SP, v. 30, n.1, p.361-376, Março/Dez., 2019. ISSN: 2236-0441. DOI: 10.32930/nuances.v30i1.6734.

fuerte, subrayando que la situación de la mujer en la sociedad capitalista se basa en una construcción de "ser mujer" y de cómo esta construcción puede interferir en el tiempo para la escolaridad. En todas las entrevistas los cuidados, sea de los propios niños u otros, o bien lo trabajo remunerado, están directamente relacionados con los itinerarios escolares, es decir, que la escuela quedó siempre en segundo plano.

**PALABRAS-CLAVE:** Escolarización; Género y Educación; División del Trabajo.

## REFERÊNCIAS

ABREU, A. R. de P. et. Al. (orgs). **Gênero e trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais**. São Paulo: Boitempo, 2016.

ÁVILA, M. B. de M. *A dinâmica do trabalho produtivo e reprodutivo: uma contradição viva no cotidiano das mulheres*. In: VENTURI, G.; GODINHO, T. (orgs). **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado: uma década de mudanças na opinião pública**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Edições Sesc, 2013. p. 231-246.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: síntese de indicadores 2014**. Rio de Janeiro, IBGE, 2015. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94935.pdf>.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Lisboa: Antropos, 2013.

CISNE, M. **Gênero, divisão sexual do trabalho e serviço social**. 2.ed. São Paulo: Outras Expressões, 2015.

DURÁN, M. A. **Tiempo de vida y tiempo de trabajo**. Bilbao: Fundación BBVA, 2010.

\_\_\_\_\_. **O valor do tempo: quantas horas te faltam por dia?** Brasília, Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010a.

HIRATA, H.; ZARIFIAN, P. *Trabalho (conceito de)*. In: HIRATA, H. et al. (orgs.) **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009. p. 251-256.

KERGOAT, D. *Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo*. In: HIRATA, H. et al. (orgs.) **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: UNESP, 2009. p. 67-75.

LAPEYRE, N. *Aviões e mulheres: política de igualdade profissional em uma empresa aeronáutica na França*. In: ABREU, A. R. de P. et. Al. (orgs). **Gênero e trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais**. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 161-170.

POSTONE, M. **Tempo, trabalho e dominação social**. São Paulo: Boitempo, 2014.

SOUZA-LOBO, E. **A classe operária tem dois sexos**. Trabalho, dominação e resistência. São Paulo: Brasiliense, 1991.

VENTURI, G.; GODINHO, T. (orgs). **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado**: uma década de mudanças na opinião pública. São Paulo: Fundação Perseu Abramo - Edições Sesc, 2013.

XAVIER, L.; WERNECK, J. *Mulheres e trabalho: o que mudou para as mulheres negras no mercado de trabalho?*. In: VENTURI, G.; GODINHO, T. (orgs). **Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado**: uma década de mudanças na opinião pública. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Edições Sesc, 2013. p. 257-278.